ANO 5.º

Sexta-feira, 14 de Junho de 1912

NUMERO 225

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

ENSINAMENTOS

"Para se edificar é preciso demolir. Para se fazer a obra heroica e pacificadora de reconstrução é preciso arrasar o passado implacavelmente. Só assim o nosso esforço dará resultados. Só assim serêmos verdadeiramente vencedores e dignos da tarefa que os acontecimentos nos imposeram."

Antonio José de Almeida.

(Da *Alma Nacional*).

BASTA!

Mal diriamos, quando no passado numero do *Democrata* já nos insurgiamos contra a situação criada com a inesperada demissão do ministerio, que, passados oito dias, nos encontrariamos ainda sem govêrno, conhecendo dia a dia das variantes apresentadas como consequencia dos esforços e trabalhos realizados para a resolução do que, horas depois, deveria estar solucionado, e que no entanto decorrem dias sobre dias sem que se defina uma situação, sem que se resolva definitiva e decididamente sobre este estado, de coisas, que nos dá a profunda e tristissima impressão de que se apagou de vez na mentalidade dos que superintendem, o indispensavel bom senso, ou se esvaiu dos seus corações a divina essencia do patriotismo.

Penoso é dizel-o, que de quantos pelo seu talento, responsabilidades e obrigações moraes tinham o iniludivel dever de não agravar as dificuldades de momento, pondo na balança as misérias das suas ambições e das suas condenaveis teimosias, sejam dêsses que provém todo este emaranhado de exigencias e imposições, que atingem o campo duma acção criminosa e absolutamente anti-patriotica.

Pois esses famosos chefes acham azado o momento, sem desdouro e perigo para as instituições, de colocar acima da defeza energica e cerrada de que élas precisam, a pretenção de fazer vingar os pontos principaes das suas divergencias com tão manifesto prejuizo para o bem e conceito do país?

Se na resolução de tal se encontram, tem o povo que intervir, o formidavel juiz que nunca contemporisou com aquêles que êle reputa criminosos de lesa-patria!

O povo que sofreu toda a especie de afrontas e vexames, acabando por se bater a peito descoberto nas ruas de Lisboa; o povo que deu do seu alto civismo as provas mais admiravelmente surpreendentes da compreensão nitida da sua acção; esse povo, terá de ser chamado a julgar do que se passa e, apurando responsabilidades, condenar, sem recurso, sem agravo, quantos êle reconhecer culpados.

Terá de ser assim?

Inclinamo-nos para essa triste hipotese.

Sem conivencia nêsse crime, que não tem outra classificação, o que nas altas camadas se está praticando, tem o povo o dever moral e patriotico, pela missão que a si proprio impoz no seu grande gesto de 5 de outubro, de expulsar de onde não déve estar, quem, calcando e esquecendo os altos interesses da Patria, déla se afasta, colocando acima de tudo as suas miseras rivalidades pessoaes, as suas baixissimas ambições de supremacia.

Quando são evidentes as demonstrações de que infames portuguêses se preparam para perturbarem a paz publica, tentando a todo o transe lançar o país numa guerra civil; quando é do conhecimento público o que se passou em Coimbra, em Guimarães e na fronteira; quando de toda a parte se faz ouvir sem rebuço nem disfarces, gritos de protesto contra a orientação que superiormente se pretende dár á politica e á defeza das instituições; quando do mais modesto e do menos intelectual filho do povo vem um brado pedindo patriotismo; degladiam-se e esgotam-se esses Catões em quixotescas lutas e ridiculas bravatas de intransigencias que só aproveitam aos inimigos, dando razão ás suas fementidas lamurias e falsos pretextos de que—*precisam salvar a Patria!*

Decididamente não póde ser.

Muito de proposito esperámos os ultimos momentos que nos proporcionassem a possibilidade daqui poder dizer ainda da forma como se resolvera a crise—que já não é crise—mas crime!

Baldada a nossa espectativa!

Como da nossa bôca e da nossa penna, vêmos sómente, que da bôca e do punho de todo o bom patriota se soltam e lavram protestos contra o vento de insania, que á força de soprar vaidades e acalentar paixões, ensandeceu aquêles a quem cabia o restricto e inidulivel dever, de, como um só homem, se identificárem na defeza das instituições.

A coesão lhes trouxe a vitória, a coesão deveria por muito tempo ser a norma a seguir, dedicada, decididamente!

Já lhes mostra o tempo—o grande mestre—que cedo abriram valvolas e sentimentos que deveriam jazer adormecidos, até que segura oportunidade lhes permitesse acordal-os.

Desde o primeiro erro cometido, encurtando a ditadura, que indubitavelmente hoje e por largo tempo deveria ainda existir, outro se lhe seguiu, e cértamente bem maior, como seja o da divisão do partido sob a chefia dalguns a quem Deus não fadou para serem postos á frente dos nossos destinos.

Comtudo, defrontados com a situação que de toda a parte os bons patriotas lhe indicam e apontam, cabe a quem representa e sintetisa a soberana vontade popular, colocal-os no dilêma fatal a que não poderão fugir—ou acordam no reconhecimento indispensavel da necessidade dos seus leaes serviços á Patria ou afundem-se de vez nesse mar de misérias e de ambições em que bracejam, por vergonha sua, tão ingloria e infrutiferamente.

Acordem á voz da conciencia, aos impulsos do seu patriotismo, se o nutrem, se o acalentam ainda!

Despertem-n'o, sobrepondo-o a tudo que seja a misera paixão pessoal, a condenavel e perniciosa vaidade, a mesquinhez de todo o sentimento ruim e elévem no altar dos seus corações, como hostia consagrada pelo amor de todos os portuguêses, esse grande ideal, aspiração sublime da Patria, sagrada redenção de Portugal, elevado e grandioso lêma dêsta nacionalidade, que vinculou a sua existencia secularmente historica, nas cinco partes do mundo—**a Republica!**

Justiça

Sob esta epigrafe, lêmos no nosso presado colêga, *O Mundo*, de 6 do corrente, o seguinte, que pedimos licença para transcrever:

A uns velhos republicanos, empregados do correio de Aveiro, por esse motivo em tempos perseguidos pelos elementos talassa-reacionarios daquéla cidade, fôram, como era de toda a justiça, mandados anular os castigos que sofreram, mas apesar disso ainda não estão deferidos os requerimentos nos quaes solicitam o reembolso dos vencimentos que lhes fôram suspensos e que ha tres mezes em vão pedem, sem que ninguem lhes responda. Ao sr. administrador geral dos correios, recomendamos este caso, que bem digna é da sua imediata intervenção, o favor daquêles que teem incontestavel direito a ser atendidos.

Muito agradecêmos ao colêga as suas boas palavras, mas serão élas mais um brado no deserto.

O nosso agradecimento é justificado pelo conhecimento muito intimo que têmos do caso aludido e ainda por que aqui foram durante largo tempo discutidas todas as fases porque passou essa monstruosa infamia que o govêrno da Republica, que felizmente nos rége, ainda não liquidou, mandando pagar a quem se deve. Se fosse o inverso; se alguma proposta para uns dia-sinhos de multa a qualquer que não fosse infalivel, chegassem ao conhecimento superior, era na volta do correio... ou não ficasse por aí tudo o que já cá estava...

Coisas & tal

Déve ser isso

Dum *suelto* insérto no *Intransigente* do dia 5:

«O sr. Afonso Costa é inteligente mas não é tanto como julga, sendo contudo o bastante para o podermos considerar desiquilibrado.

E a razão é simples.

S. Ex.ª apezar de lente da Universidade, tem uma grande dóze de ignorancia, até na sua profissão. E no resto... é uma desgraça.

Julga que a sua inteligencia póde bem compensar a falta de conhecimentos que tem. E daí o seu mal; as constantes contradições em que cái; as manifestações de desiquilibrio que diariamente nos dá.

Se se rodeasse dum grupo de homens que podessem suprir as suas faltas, bem estava. Mas, infelizmente, apenas tem em seu torno um bando de energumenos, um magote de imbecis, que são causa do seu desprestigio entre os homens de são juizo da terra portuguesa.»

Parece incrivel como isto se escreva e ainda por cima haja a petulancia de intitular de—*Verdades*—éssas palavras!

Mas vâmos, que o *Intransigente* não está só. Na *Republica*, orgão do grupo evolucionista, tambem no mesmo dia se afirmáva que os seus oradores *não têm rival no parlamento português!*

E nós que os *aturemos* e lhes *páguemos*, como diria o *Rainha*... se fosse politico...

Muita honra

Se os *jornalistas* de taberna pensam inutilisar-nos com os seus esguichos fermentados, que do cacô lhes sáem nos momentos criticos da bebédeira, olhem que não póde haver maior engano.

Pois então não viram que nem as *cornadas* do Cristo nos fizeram móssa apezar da dureza das pontas?

Quando o ataque nos surge de *cavalheiros* como os que constituem a *élite* intelectual e jornalistica de Aveiro, a principiar pelo *Bébes*, creiam que a honra é toda nossa, que nos rimos até mais não da figura quixotêsca dos pobres diabos.

Ah! que se um dia acaba o *precioso nectar* e o verde dos campos, o que ha-de ser dos *filosofos*, dos *jornalistas* e *historiadores* da nossa terra!...

Nem nós sabêmos...

Eleições

Lançou a *Lucta* a público a necessidade de se fazerem as eleições administrativas ainda este ano e de aí uma cérta alegria manifestáda por todo o fiel monarquico que conta dêssa maneira voltar a ter ingerencia nos negocios municipaes.

Póde ser. Comtudo palpita-nos que muita gente se ha-de enganar nos calculos a que o artigo da *Lucta* já tem dado logar.

Azul e branco

Com este titulo diz a *Folha Nova*, do Porto:

«São estas as côres com que o sr. inspector da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses mandou pintar a estação das Devesas (Gaia) querendo assim significar a grata recordação da bandeira que á sua crença serviu de simbolo.

Não lhe agrada o verde porque lhe revolta o estomago, e o vermelho porque o assusta.

Valha-o Deus, sr. inspector.»

Deus só, não; a Virgem Maria tambem, que é a santa mais prediléta dos *talássas*.

Sobre milagres

No ultimo domingo foi prégar a Albergaria a-Velha um sermão, aquéle masmarro que dá pelo nome de Baltazar, nascido e creádo na Trofa. Sermão sem o valor pecuniário dos do célebre padre Patagonia, que êle reputava em pouco menos de um carro de estrume, Baltazar cançou os pulmões com as trêtas milagrosas da santa de Lourdes detendo-se por largo tempo em elogios á agua que livra de sezões e estupôr depois de morto. Até aqui tudo *muito bem*. Mas com o que alguns dos ouvintes ficáram devéras abismádos, foi quando o padre da Trofa, para autenticar melhor a verdade dos milagres sucedidos, apelou para a autoridade do velho republicano portuense, dr. Nunes da Ponte, dizendo que aquêles que o escutavam, podiam, se quizessem, recorrer ao seu testemunho.

Por onde se comclue que não são só os aulicos do sr. D. Manuel que se lavam...

Coisa célebre

No *Diario do Govêrno*, de terça-feira, 11, vimos publicáda, pelo ministerio do Interior, a seguinte portaría:

Atendendo á proposta do Conselho de Arte e Arqueología da 2.ª Circunscrição, no sentido de se organisar no edificio do antigo Convento de Jesus, em Aveiro, um museu constituido pela numerosa colecção de objectos de valor historico e artistico provenientes de extintas casas religiosas e estabelecimentos públicos e bem assim que fôsse nomeada uma comissão local composta de cidadãos daquéla cidade a quem fôsse cometido o encargo dêssa organisação: manda o govêrno da Republica Portugêsa que seja creado o referido museu no local indicado e que a respectiva comissão organisadora seja constituida pela fórma seguinte:

Dr. Jaime de Magalhães Lima, publicista; dr. Joaquim de Melo Freitas, idem; João Augusto Marques Gomes, idem; Francisco Augusto Regala, primeiro tenente da armada; dr. Alvaro de Moura Coutinho de Almeida d'Eça. reitor do liceu; Jacinto Agapito Rebocho, presidente da Associação Commercial; José de Pinho, pintor; José da Fonseca Prat, vogal da comissão administrativa; Antonio Augusto da Silva, mestre de obras; Firmino de Sousa Huet, condutor de obras publicas; José Gonçalves Gamelas. camerciante; dr. Antonio Carlos da Silva Melo Gvimarães, conservador do registo predial; dr. Luís de Brito Guimarães, professor do liceu e Mario Duarte.

Salvo o devido respeito que têmos pela maior parte dos comissionádos, estalariâmos se não mostrassemos o nosso desagrado por aquilo que vêmos e que é nem mais nem menos do que o seguimento dos processos antigos, em que os idividuos apareciam, formando comissões, só como figuras decorativas, com a agravante de empanar, todas as vezes que isso sucedia, o nome de aquêles que trabalhávam e produziam.

Nada; não vamos para esse lado. *Pão pão, queijo queijo.* O museu de Aveiro está, póde-se dizer, organisádo e se tal acontece deve-se exclusivamente á iniciativa de tres homens, que fôram o dr. Rodrigo Rodrigues, dr. Joaquim de Mélo Freitas e João Augusto Marques Gomes.

Que a historia os registe e os aveirenses lhes agradêçam porque mais ninguem sugiu com afinco a colaborar na ideia, a não serem eles.

Agitação

Começa a notar-se por toda a parte uma cérta efervescencia nos elementos avançados causada pela demora na solução da crise ministerial.

Emquanto a nós achâmos justificadissimos todos os protéstos que se façam, ainda os mais violentos, contra os verdadeiros causadores da atual situação em que se encontra a Republica e de que são unicos responsaveis os que acima dos interesses da Patria colocam as suas ambições e rivalidades pessoaes.

Tem, pois, a palavra o Povo!

Pela imprensa

Devido aos seus aniversarios, que passáram ha pouco, cumprimentâmos os nossos colégas *O Povo do Norte*, de Vila Real, superiormente dirigido pelo antigo republicano, sr. Adelino Samardan, o *Familicense*, de Vila Nova de Famalicão, que tem por director e proprietario o sr. José Maria da Costa Soares.

Aproveitâmos o ensejo para agradecer áqueles que do nosso jornal teem transcrito artigos e *sueltos* a honra que com isso nos dão e que de algum modo nos sérve de alento por vermos que ainda ha quem como nós pense e *O Povo*, de Viana do Castélo, que assinaládos serviços tem prestádo á Republica, quer antes quer depois do 5 de Outubro.

Dr. Jaime de Magalhães Lima

Quem é s. ex.ª

Desde esse dia famoso do julgamento dos conspiradores do *complot* de Aveiro, a alcateia indigena, que com êles faz causa comum, tem passado a vida, desocupada e vadia, incensando e elogiando, por todas as fórmas, a figura principal da defeza— segundo dizeres seus—o cidadão Jaime de Magalhães Lima.

Alguns idiotas chegáram, até, no acúme do elogio baboso, a chamar-lhe *gloria do país!*

Têmos, por tanto, por dever civico, que a honestidade da nossa profissão jornalistica nos impõe, de repôr a verdade no seu legitimo pé, dando a esse cidadão o lugar que lhe compete, sem favor, mas tambem sem má vontade.

O sr. Jaime Lima é um vulgarissimo bacharel em direito que pelas bancadas da Universidade passou sem deixar um rasto intelectual da sua existencia. Foi um *musico*, na significação academica do têrmo, uma figura apagada e sem relêvo, cheio de bôa vontade para o estudo, muito aplicado, é certo, mas sem dêssa persistente aplicação fazer saltar uma chispa de brilho. Emfim, trouxe de Coimbra, como qualquer mortal, uma carta de bacharel em direito.

Filho de paes abastados, com a vida solidamente garantida, não precisou de travar, ao sahir das escolas, a ardua e dura lucta pela vida, estabelecendo concorrencia com os outros, dentro dos ambitos do seu diploma de bacharel em direito. Tambem não procurou, em qualquer outro campo, aplicação para a sua actividade.

Seu pae, um velho politico conservador, afagára-o á sua saída da Universidade e tornára-o o filho predilecto—pelo seu feitio pacato, sisudo e religioso e por ter atravessado a vida coimbrã indene ás ferroadas do liberalismo que das bandas de França soprava, demolidor e esbrazeante.

Não sucedeu o mesmo a seu irmão, esse brilhantissimo espirito, enlevo e envaidecimento duma raça, que já em Coimbra mostrou a sua feição decididamente democratica. As suas ideias liberaes e generosas, o seu amor amplo e bemdito pelos pobres e pelas reivindicações dos desprotegidos, afastaram-n'o da casa paterna, déramlhe, desde então, o ostracismo do lar.

E êle partiu para essa labuta, sem treguas, em prol dos deserdados, que fez da sua vida uma esteira de luz que afeições mundiaes multiplas e variadas, aplaudem e abençoam com frémitos de ternura. E' que Sebastião de Magalhães Lima é um apostolo do Bem, da Bondade e da Justiça.

Jaime Lima, porém, egoistamente, instalára-se aferradamente na vida facil e risonha que lhe aparecia liberalisando-lhe o pão de cada dia e as fôfas comodidades que o dinheiro proporciona.

Estudioso, vendo com ciume o renome crescente do irmão, Jaime Lima mais afincadamente se agarra ao estudo numa ancia febril de saber. Estuda sempre, mais e mais. Viajou. Percorreu em viagens de estudo, a Europa. Seduzido pelo encanto das suas doutrinas, quiz conhecer pessoalmente essa figura simples e extraordinaria que se chamou Leon de Tolstoi.

E assim correram anos após anos, num estudo perseverante e calmo, sem contrariedades de qualquer especie que o desviassem dêssa voluntaria e amiga tarefa, de estudar sempre e sempre.

Tudo correu propicio a esse homem para a acquisição duma vasta ilustração, que, só o deixaria de ser, á falta de conveniente aparelho recetivo.

Ao entrar, pois, na vida, não encontrou o sr. Jaime Lima um caminho aspero que lhe golpeasse os pés, nem cardos que lhe rasgassem as mãos para ganhar com o seu suor, o seu pão. O acaso do nascimento, garantira-lh'o fartamente.

Não têve, portanto, de sofrer

o rude embate das necessidades da vida, para as prover á custa do seu esforço; não conheceu as incertezas do pão para o dia de ámanhã; não soube nunca o que é a fome, a miseria, porque nunca a sentiu.

E' que, de facto, no rude e esgotante *struggle for life* de todos os dias, na conquista do pão quotidiano pelo nosso esforço, é que se depuram, revelam e aquilatam os caracteres; se patenteia a generosidade e a bondade; se disciplina e virilisa a vontade. Todo o homem, que néssa lucta céga e feróz, nêsse choque intenso de ambições, conquista o seu pão sem esmagar os outros, fraternisa com os seus semilhantes, aconselhando-os, dirigindo-os amando-os, no meio da mesma labutação, repartindo com êles, ainda por cima, o pão do seu trabalho, torna-se crédor do respeito e da amizade dos seus concidadãos.

E' um exemplo a seguir. Um exemplo de que nos ocuparêmos ainda para provarmos que o sr. Jaime de Magalhães Lima está muito áquem de merecer os epitetos com que o distinguem os amigos, a maior parte dêles levados pela muita simpatía que o irmão lhes inspira.

"Azulejos„

Com este titulo, recebêmos um elegante volume com 106 paginas, contendo uma colecção de belas poesias devidas á penna do nosso querido amigo, Humberto Beça.

O seu nome não significa uma surpreza no campo das letras. Não é um estranho. Ha muito que da sua intelectualidade tem vindo exuberantes e multiplicadas demonstrações do seu valor, sempre recebidas e aplaudidas com entusiasmo, por aquêles que compreendem e avaliam conscientemente as produções dos que sabem afirmar o seu estudo, dedicação e merecimentos.

Bem novo ainda, Humberto Beça, quer na imprensa, quer na poesia, com a consciencia que provém do reconhecimento das proprias forças, evidenciou o logar de destaque e a grandeza da sua figura que o futuro lhe reserva nêsse campo de acção, independente daquêle que já hoje, com todo o brilho, ocupa entre o professorado livre, onde com toda a justiça e sem sombra de favor, é devidamente apreciado e não menos considerado.

A' sua penna devem-se já poesias alusivas, de grande mimo e não menos beleza de concéção e de rima, como — *Justiça de Castela*--a proposito do assassinato de Ferrer pelo infame govêrno reaccionario de Maura—*A escola, A lição* e outras, enriquecendo nêste momento o seu trabalho com os *Azulejos*, valioso compendio onde se encontram explendidos versos, que o seu autor chama—*desvaliosas producções, umas já espalhadas por varios jornaes e revistas, outras ainda fragmentadas pelos seus papeis velhos.*

Dignos de especial menção pela ideia e pela sua fórma temos: *O teu nome, O segredo da viuva, O naufragio, Noite de nupcias, Cega de amor* e ainda outras que são incontestaveis demonstrações da alma de poeta do seu autor.

O nosso querido amigo oferece o seu livro á sua mãe, a quem consagra palavras de sincéro amor e enlevo de filho que o sabe ser.

Nas despretenciosas palavras que aqui ficam, não vae a vaidosa pretensão duma critica, nem o baixo intuito dum réclame—vae apenas e singelamente uma prova do quanto o nosso coração de amigo muito sincéro se regosija por mais essa inconfundivel demonstração intelectual de Humberto Beça, que daqui abraçâmos comovida e gratamente pela sua valiosa lembrança, prova evidente da sua afectuósa estima.

Très merci!

O MARTIR...

Pelo visto, o colaborador da *Soberania do Povo*, Eusebio Soares, já é martir duas vezes. Martir porque o teem preso como conspirador, martir porque lhe assacáram infamias, que não cometeu, calunias que fôram tecidas para encobrir *erros e defeitos* duma pessoa de familia, como prova com documentos.

Se calhar ainda não fica só por aqui. E como nós, apezar de *firma desacreditada*, no dizer da malandragem, têmos em mente pôr a descuberto a vida moral de alguns que sistematicamente atácam as instituições, segue-se que ainda havemos de vêr o tal Eusebio Soares *martir* outra vez... para assim ficar mais completo...

Pobre Eusebio!

PROPAGANDA

A cremação de cadaveres

Uma interessante conferencia realisáda em Lisboa pelo insigne apostolo do livre pensamento, dr. Magalhães Lima

Recebêmos da *Associação do Registo Civil*, um folhêto contendo o extracto da conferencia do ilustre senador e nosso presadissimo amigo, sr. dr. Sebastião de Magalhães Lima, sobre a cremação de cadaveres, que agradecêmos, pois como to as as obras e discursos do intemeráto propagandista republicano-sociologico, esta é das que mais interesse está despertando no nosso país onde, até ha pouco, quasi nunca se tinha faládo em cremação.

Aos leitores do *Democrata* oferecêmos alguns trechos da notavel conferencia, lamentando só que o curto espaço de que dispomos nos não deixe alongar, como era nosso desejo.

A cremação através dos seculos

Na antiguidade

Emquanto a antropologia não constituiu uma sciencia, a *sciencia da humanidade*, como superiormente a definiu James Hunt, o que se póde dizer que foi ainda ontem, a Humanidade vivia mergulhada em horriveis trevas, feitas pelo estupido versiculo da Biblia, em que se afirma que Cristo nasceu 4.004 anos depois da creação do mundo.

Os antigos, destituidos de todos os conhecimentos anatomicos, biologicos, geograficos, linguisticos e arqueologicos, acreditavam nos falsos dizeres da Biblia e noutras fantasias creadas pelos cerebros aterrorisados. Admitiam a existencia dos povos androgines, de Aristoteles; de tribus dum só olho; de raças com os pés voltados para traz; de individuos sem cabeça e com os olhos nas costas, como os descritos por Plinio.

Na Edade Media ainda os escritores falavam gravemente de sêres que diziam ser metade homens e metade peixes.

Foi necessario chegar ao seculo XVIII para se abordarem duma maneira séria os estudos antropelogicos. A luz demorou seculos a chegar ao espirito dos homens, muito embora, já em épocas atrazadas, alguns autores da antiguidade judaica e cristã tivéssem mais lealdade do que muitos de nossos dias, que não teem pejo de falsificar a verdade para arrastarem as multidões ao campo erroneo das fantasias.

Filon, o Platão judaico, por exemplo, nascido alguns anos antes da éra cristã, achava ridicula a suposição de que Deus tivésse feito o mundo em seis dias e Eusebio confessava que a teoria moisaista não tinha carater algum scientifico, e, portanto, sério. Outros muitos autores tivéram a franqueza de confessar que a *obra dos seis dias não passava duma alegoría.*

Foi Lineu quem marcou o logar do homem, na sua classificação zoologica. A seguir, Camper demonstrou que o angulo facial varia segundo as raças; Bufon escreveu a sua *Historia Natural do Homem* e Blumembach procurou determinar com precisão os caratéres fisicos dos diversos grupos humanos, estudando ao mesmo tempo a conformação craneana.

Infelizmente nem Bufon nem Blumembach tinham os materiaes necessarios, motivo por que as suas obras estão crivadas de erros e de lacunas.

Surgiram, porém, mais tarde, Wiliam Edwards e Prichon, em França, que inteligentemente continuaram a obra empreendida.

Com a nomeação de Quatrefages, em 1855, para uma cadeira de antropologia na Universidade de Paris, é que esta sciencia principiou a conquistar o lugar que lhe competia entre os conhecimentos humanos. Caíram, então, por terra as mentiras biblicas e o homem principiou a reconhecer o seu lugar na natureza e a saber qual fôra a sua infancia.

Não é aqui o lugar para registar a marcha triunfante da sciencia antropologica até nossos dias, porque um outro proposito nos domina. Mas não podêmos deixar de afirmar que, á medida que a antropologia tem avançado, as fantasias biblicas teem caído por terra, demonstrando-se que o homem não foi na sua infancia uma obra perfeita saída das mãos do Creador. Foi um animal selvagem a quem as necessidades da existencia levaram muitas vezes a devorar os seus semilhantes, incluindo velhos e creanças.

Segundo recentes experiencias de Bischoff, o mundo levou mais de 350.000:000 anos só para passar do estado liquido ao solido. Muitos milhares de seculos depois foi que a vida animal surgiu sobre a terra e deu lugar ao aparecimento do homem, a quem a imperiosa necessidade de alimentação levou a devorar os seus irmãos. Chegou mesmo, na sua infancia, como narram Marco Polo e Deodoro de Sicilia, a sacrificar os velhos e as bocas inuteis e a matar os doentes, sob o pretexto de lhes abreviar a existencia, para comer os seus miseraveis despojos.

Este costume, como acertadamente diz o espirito luminoso que nos vae guiar nêste trabalho, o dr. Mal de Cristoforis, presidente da *Sociedade de Cremação*, de Milão, devia conciliar a piedade com os costumes selvagens primitivos, vindo a adquirir por alguma fórma um caracter religioso, com a intenção de libertar o homem da velhice e da miseria e de o subtrair á voracidade dos animaes ferozes.

Surgiu, porém, a intuição dum sentimento superior—a das afeições e dos laços de familia. Principiaram os mortos a ser considerados como despojos sagrados e daqui a sua conservação nas cavernas naturaes e nas grutas artificiaes, dentro de tumulos ou debaixo de Dolmens.

A simples inhumação foi uma das primeiras manifestações dêste sentimento a que se seguiu a pratica da incineração.

Emquanto os egypcios embalsamavam os cadaveres para os conservar, durante muitos seculos, outros povos, mais praticos e esclarecidos, queimavam-nos para lhes guardarem as cinzas. Isto sucedia milhares de anos antes de Cristo. Doze seculos antes da nossa éra já na Grecia se incineravam os cadaveres.

Não se póde afirmar que o uzo de destruir rapidamente os cadaveres, por meio da incineração, viésse substituir o antigo sistema. Mas está provado que este costume, principiado por alguns povos arianos, foi muito bem acolhido e generalisou-se, quer fôsse por causa das condições higienicas, quer fôsse para preseverar os defuntos de qualquer profanação, quer fôsse, ainda, para mais facil transporte dos despojos mortaes.

A religião bramanica não conhecia outro sistema funerario que não fôsse o da incineração. Entre os helenos, em Roma, nos tempos da sua maior grandeza, na Galia, na Germania, na Scandinavia, na Noruega, em Ceilão, na Asia, na China e no Japão (especialmente no reino de Sião) em toda a parte a cremação era o simbolo da imortalidade da alma; em toda a parte éla se realisava com um aparato muitas vezes faustoso. Em Sião, até os cadaveres dos guerreiros e reis eram guardados, durante um ano e mais, com o fim de conseguir o tempo necessario para dispôr as magnificencias da cremação.

As religiões, certamente pelo interesse vil dos seus ministros, é que teem contribuido para a decrescencia da cremação. O cristianismo, tal como foi prégado pelo seu fundador e os seus apostolos, não impunha qualquer sistema exclusivo de fazer desaparecer os corpos. Fôram os ministros do culto que impozéram a inhumação, generalisada entre o povo cristão, com o fim de introduzir um costume que lhes parecia mais harmonico com o cristianismo. O mesmo sucedeu ao Islamismo, que, sendo em principio cremacionista, tornou-se mais tarde partidario do simples enterramento.

A cremação nos tempos modernos

Alguns povos modernos teem em tanta conta o principio da incineração dos cadaveres, que a praticam especialmente com os corpos dos altos personagens, dos nobres, dos chefes de tribu, dos padres, dos filosofos, etc.

Na India, onde ainda ha pouco as mulheres eram obrigadas a acompanhar na fogueira os maridos falecidos, o cadaver com a cabeça voltada para o norte, era envolvido numa tela gordurosa. Queimavam-no numa fogueira feita de madeiras aromaticas, sandalo e aloes, lançando-lhe gordura, de tempo a tempo, para que o fogo fôsse mais vivo.

Em Ceilão a cremação é reservada exclusivamente para as altas dignidades. clero budico, etc., e em Cambodge e algumas tribus australianas enterram primeiro o cadaver durante alguns dias, com o fim de preparar as cerimonias, depois do que o desenterram e o queimam.

Os australianos teem tres fórmas de destruir os cadaveres: o simples enterramento, a incineração e o secal-o ao ar livre.

Nos tempos modernos, menos sugeitos do que os antigos ás influencias dos principios abstractos, das religiões, dos habitos, dos prejuizos e mais desejosos de estudar as novas necessidades da vida, modificada por inumeras causas que é desnecessario mencionar; os tempos modernos, empolgados pela poderosa influencia do progresso, pelo surgir de novas sciencias, invadido por novas ideias de ordem positiva e social; os tempos modernos, dizemos, renovam o conflicto entre a inhumação e a cremação.

Hoje os sabios examinam o pró e o contra dos dois sistêmas, sem preocupações, sem prejuizos, sem paixões ou ideias preconcebidas. Guiados pelo sentimento mais elevado de liberdade, encorajados pelas mais sérias rasões scientificas, exforçam-se por estabelecer a cremação em todas as partes do mundo.

A discussão agita-se especialmente sobre dois pontos principaes: — o lado ideal representado pelo sentimento, pela religião, pela moral, pelo culto dos mortos e o lado pratico representado pela higiene, pela medicina legal e pela economia.

Vejamos quem tem rasão.

O sentimento e a religião

Qualquer discussão, sob o ponto de vista do sentimento, não póde dar resultado algum, porque o sentimento é indiscutivel e não póde ser criticado. O horror da putrefação; a persistencia dos costumes estabelecidos e a repugnancia de os abandonar ou o odio contra o que é novo; a interpretação de qualquer formula anunciada por esta ou aquéla egreja; a escolha entre a destruição lenta ou expontanea do cadaver e a destruição rapida e artificial; todos os argumentos creados por muitos sentimentos diversos na apreciação afectiva da inhumação ou da cremação, não pódem ser considerados senão como opiniões pessoaes ou inclinações muito respeitaveis desde que sejam de bôa fé e que não sirvam a mascarar outros fins, outras causas de oposição ou de favor aos diferentes methodos de destruição dos cadaveres.

Como cremacionistas, dâmos aos partidarios dos enterramentos completa liberdade, até mesmo áquêles que nol-a recusam e que erguem a vóz para dizerem que a religião e a moral são ofendidas eom as cremações.

Se não fôsse suficiente recordarem-se que a cremação se pratica desde tempos antiquissimos, como já demonstrámos e que nos tempos modernos se pratica entre povos de diversas religiões; se não fôsse suficiente recordarem-se que o cristianismo não se opôz á cremação, os adversarios católicos deviam calar-se e reconhecer que a cremação em cousa alguma se opõe ás formulas religiosas. O padre, o pastor e o rabino, tanto pódem abençoar o cadaver do alto duma sepultura hiante, como perante um aparelho crematorio.

A egreja teria dado uma prova de sabedoria e de tato se auxiliasse a cremação, em logar de lhe pôr entraves, como o tem feito.

Nem a moral, nem o sentimento serão lesados com a pratica da cremação. O aparelho coberto por uma especie de sarcofago, fica situado no templo funerario, no terreno consagrado aos mortos. Nem o fogo nem o fumo revelam a operação. Serão, désta fórma, as lagrimas dos parentes e dos amigos menos sentidas?

Dr. Cutileiro

O dr. Evaristo Cutileiro, especialista em molestias pulmonares, e autor do celebre sôro anti-tuberculoso, aplicado com bélos resultados em muitos casos e de que a imprensa ha tempos se ocupou largamente, acha-se entre nós com demora de alguns dias, tendo já sido elevado o numero de doentes que o tem consultado.

Ao dr. Cutileiro, que tem tanto de modesto como de talentoso, merecendo a especialidade dos seus estudos as mais justas e distintas apreciações de abalisados homens de sciencia, apresentâmos os nossos cumprimentos pela consideração que nos merece quem tanto trabalha e se sacrifica pelo bem público.

Subscrição

aberta pelo *Democrata* para a compra duma bandeira que, por iniciativa do *Grupo Defeza da Republica de Aveiro*, deve ser ofertáda ao regimento de infanteria 24 aquarteládo nésta cidade:

Transporte	16$300
Dr. Manuel Francisco Teixeira	500
Leandro Souto	500
João B. Ribeiro Junior	500
Antonio Freitas	500
Soma	18$300

Aos ciclistas

Pela direcção geral dos impostos acaba de ser enviada uma circular aos inspectores de finanças de todos s distritos para as transmitir aos encarregados da fiscalisação dos concelhos, em que proíbe os ciclistas de andarem em público sem estárem munidos da competente licença, como determina a carta de lei de 12 de Junho de 1901, sob pena de, no caso de transgressão, ser aplicáda a multa constante da base 10.ª da referida lei.

Para que não possa haver sofismas, os encarregádos da fiscalisação são tambem obrigados a exigir dos proprietarios de casas de aluguer o numero exato das bicicletas, sendo estas numeradas como determina o referido decreto.

Quer dizer: agora é que não ha remedio senão puchar pelos cordões á bolsa e pagar os 3$500 reis anuaes da licença, que é quanto vem a custar.

VENTOSAS

Ora bolas, meus senhores,
p'ra os luminares da arcada!
tudo são sustos, pavores
e a presidencia, encravada,
entre tantos salvadores,

cada vez mais desafina
sem atinar c'o almirante
que léve a nau á bolina!
E está tão perto o chibante,
o ministro papa-fina...

Num lampejo de talento
puz o dêdo no gigante;
E diz-me tu, meu portento,
se o dito preopinante
não é o homem do momento:

Por toda esta semana
Couceiro entra p'la cérta;
começa logo a chanfana.
Ha pedidos... ha oferta...
e todos, a plangana,

vão enchendo, ali... á preta...
Ora ao mais simples critério,
'stais a vêr... cai da canêta...
p'ra formar o ministerio
'stá indicado o Mijarêta...

***

Sessão da Comissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 6 de junho de 1912.

Presidencia do sr. dr. Brito Guimarães, com a assistencia dos vogais, srs. Manuel Augusto da Silva, Vicente Cruz, Pompilio Ratola e Manuel Ramalho.

Acta aprovada, depois do que foram deferidas as seguintes petições:

De João Campos da Silva Salgueiro, Albino Pinto de Miranda, Antonio Maria dos Santos Freire, José da Fonseca Prat, João da Naia e Silva e José Augusto Ferreira, désta cidade; Manuel da Maia, carpinteiro, de Esgueira, João Afonso Fernandes, da Quintã do Loureiro e Joaquim Vieira da Silva, da Povoa do Valade, todos para licenças de construção; e de Maria Rosa de Lemos Loureiro, désta cidade, para aquisição do terreno em que se encontra sepultado, no cemiterio público désta cidade, o cadaver de seu marido, Antonio Correia Loureiro;

Rosa da Conceição Rezende, das Aradas, e Maria da Luz Salgado, de Aveiro, para subsidios de latação; e de

José Cardoso Junior, negociante, do Porto, concorrente á Feira de Março, nésta cidade, para que lhe seja garantido, no proximo futuro mercado, o logar a que diz ter direito e que individamente tem ocupado o algibebe Joaquim José de Pinho, que, estando estabelecido no Porto, contratou com um afaiate de medida de aqui dizer-se seu associádo para assim obter a prioridade do logar. A câmara resolveu tomar o exposto na devida consideração.

E deliberou mais:

Cobrar pelo maximo a multa que por transgressão de posturas foi imposta á taberneira Josefa de Jesus Ferreira, désta cidade;

Autorisar a ligação telefonica do quartel de Sá com o édificio do *Asilo-escola* onde se acha instalado o 1.º batalhão do regimento de infanteria n.º 24;

Remunerar convenientemente os empregados que, fóra das horas do seu serviço, encarregou da organisação da matriz da contribuição do trabalho; e

Proceder, por solicitação do seu secretário, á organisação do arquivo municipal, que não tem podido fazer-se por falta de logar, de tempo e de verba para a sua instalação definitiva.

Por fim o cidadão presidente apresentou o processo da sindicancia requerida aos seus actos pelo secretario, processo que a câmara examinou e junto ao qual se encontra o relatorio da comissão sindicante, que no numero passádo publicámos, seguido das considerações que entendêram devêr fazêr ainda, respectivamente, os srs. presidente e vice-presidente da câmara.

MENTINDO SEMPRE

Ainda a proposito da estáda de Jaime Silva na Penitenciária de Coimbra, alguem nos diz:

Curto em extremo, só é grande para aquêles que o não conhecem e tão pouco sabem quanto vale a sua alma pequena e tacanha.

De uma grande imbecilidade, vimol-o com gestos de arrieiro e bravátas de fadista, com quem se não queria comparar, mas com quem procurou viver em comunidade para lançar as maiores diatribes contra aquêles que não consentiram que fôsse de Coimbra para o Porto acompanhado por dois guardas da Penitenciaria, pedido que o director da cadeia indeferiu por achar que não era mais nem menos do que os outros presos que já tinham saído para serem julgados, e que quer intelectuamente, quer como caratéres estavam muito acima do ex-subchefe do franquismo em Aveiro.

Foi por esta e outras coisas semelhantes, que Jaime Silva não podendo já sofrear a ira que o consumia de ha muito, veio a público vomitar o excesso de bilis que atrozmente o dominava tornando-o irrascivel.

Agora já todas as regalias eram poucas e já não dizia como tanta vez o fez ouvir aos companeiros e a outros: *que todas as regalias que lhe fossem concedidas eram só dignas de agradecimento, porque antes de mais nada era um prisioneiro.*

E realmente assim devia ser para outro que não fôsse Jaime Silva que muitas vezes era visitado por amigos, que já fóra da hora de entrada ali iam e se demoravam a falar-lhe: umas vezes sobre assuntos juridicos e muitas outras para vêrem aquêle que tem sido sempre um inimigo da Republica.

Sem valor para coisa alguma temos a impressão que Jaime Silva procura sempre sobresair incensando-se a si mesmo para que todos os outros o admirem por um valor que não tem.

Pois se o imbecil fez saber que o dr. Bernardino Machado o visitára na cadeia da Relação quando foi uma das muitas falsidades que vieram juntar-se a tantas outras que fazem parte do já enormissimo numero de aquélas que conhecemos!

Emquanto êle esteve na Penitenciária de Coimbra, foi o grande caudilho republicano áquela cidade por umas duas vezes assistir a festas para que fôra convidado, e não nos consta que alguma vez fôsse á cadeia visitar o conspirador Jaime Silva, quando é certo o grande democrata saber que êle se encontrava ali preso, como muitos outros, assim como tambem sabia de que êle era acusado. Mas naquêla bôca só está bem a mentira e a falsidade não se importando por isso de impestar com a sua baba mortifera aquêles que, pela sua superioridade, nenhuma importancia lhe ligam. nem tão pouco dão crédito ás suas palavras insidiosas. A verdade, porém, é que nem todos o conhecem, e por isso não é demais apontal-o, pondo em destaque o seu todo e o seu valor, para que os incautos saibam desviar-se dêle, afim de não serem atingidos por quem tem tanto de repelente como de mau.

E como nota final, diz-nos ainda o nosso interlocutor:

Jaime Silva para nada lhe faltar tinha, inclusivé, a servil-o á sua meza esse desgraçado Firmino de quem fazia seu galêgo dando a impressão de creado de *moço fidalgo*. E porquê? Porque lhe dava os sobejos da sua meza depois de se ter banqueteado fartamente.

Lei da Separação

Os nossos presados amigos, Beja da Silva e dr. André Reis, organisaram um *prontuário* alfabético que, com a maior claresa e desenvolvimento, auxilía a interpretação do decreto de 20 de abril de 1911 que separou o Estado das igrejas.

Este trabalho que, segundo consta, déve entrar brevemente no prélo, contém além de indicações oficiais de grande alcance, o desdobramento e relacionação dos artigos da lei, em indice alfabético cujo sumario é o seguinte:

Acordam, Advogado, Agrupamento cultual transitorio, Alegações, Aposentação, Arrolamento e inventario, Assistencia e beneficencia, Auto, Autoridade administrativa, Autorisação, Avaliação, Avisos, Beneplácito, Benésses, Bens, Bulas e semelhantes, Câmaras municipaes, Capelães e semelhantes, Casos omissos, Caução, Cemiterios, Cessação do culto, Cidadãos, Cidadãos estrangeiros, Cidadãos portuguêses, Comissão Central Executiva da Lei da Separação, Comissão Concelhia Administrativa, Comissão Administrativa de inventario, Comissão Distrital de pensões, Comissão Nacional de pensões, Comissão Regional artistica, Confissões religiosas, Congruas, Corporações de Assistencia e beneficencia, Corporações cultuais, Corpos administrativos, Correspondencia oficial, Crianças, Culto, Curia Romana, Depósitos publicos, Deprecadas, Despezas com o culto, Disciplinas preparatorias, Documentos, Educação e instrução, Eleições, Emolumentos, Encargos cultuais, Ensino religioso, Estabelecimentos publicos, Estado, Fazenda Nacional, Fieis, Fóros, censos e semelhantes, Funerais e honras funebres, Governador Civil, Governo, Governo Civil, Herdeiros, Igrejas, catedrais, capelas; Imposições, Inspector de finanças; Institutos Superiores do ensino de Lisboa, Irmandades, confrarias, etc, Jazigos e sepulturas, Juiz de Direito, Juntas de paroquia, Juros, Legados e doações, Liberdade de consciencia, Liberdade de culto, Manifestações exteriores do culto, Ministerio de Finanças, Ministerio de Justiça, Ministerio Publico, Ministros da Religião, Moveis de valor artistico e historico, Museus, Noturnos, Orçamentos, Ornamentos sacerdotais, Penas, Pensões, Prazo, Preferencia, Presidente, Processo, Procurador Geral da Republica, Procuradoria Geral da Republica, Quintas, quintais, etc.; Receitas das cultuais, Reclamação, Recurso, Reitor do liceu. Religião, Requerimento, Reuniões, Secretario de finanças, Secretario Geral, Secretario do Governo Civil, do Ministerio de Finanças, do Ministerio de Justiça, Seminários, Sinais, emblemas religiosos etc.; Sufragios, Supremo Tribunal de Justiça, Templos, Testemunhas, Titulos, Toque de sinos, Universidades Pontificias e Vestes talares, etc.

Como se infére pelo que deixâmos publicádo, a utilidade déste livro é palpavel, prestando os nossos amigos, que tiveram o trabalho de o compilar, um grande serviço a todos que tenham de cumprir os preceitos da lei.

Sabêmos que os seus autores

estão empregando esforços no sentido de obterem uma edição de fórma que a adquirição do livro fique ao alcance de todas as bolsas, pois a sua intenção não é ganhar, mas divulgar e fazer compreender a lei de Separação.

CONFERENCIA

No domingo ultimo têve logar no edificio do liceu desta cidade uma conferencia realisada pelo sr. dr. Alvaro de Ataide, que por muito conhecido se não confronta, servindo-lhe de têma: *a alimentação*. A'parte a originalidade do assunto escolhido, bastava o nome do conferente, que é suficientemente *estimado* e *simpatico* á cidade, para que fosse *numerosissimo* o auditorio, que se apresentou, afim de ouvir a palavra fluente e autorisada do ilustre conferente.

A sala esteve *repleta*, vendo-se ocupada não só as suas imediações como toda a escadaria e átrio do edificio, onde se acotevelou por largo tempo uma multidão anciosa por ouvir o abalisádo medico, que foi inexcedivel na fluencia e nas razões apresentadas para base da sua argumentação.

S. ex.ª entre outras curiosissimas informações afirmou á assembleia, e em especial recordou ás mães de familia presentes, que o assucar fazia bichas aos meninos, e que a fruta verde provocava diarreia!...

Foi verdadeiramente assombroso na sua formidavel exposição, terminando por declarar, e isso foi, afinal, a sintese da sua béla conferencia, que ninguem podia viver sem alimento!

O orador foi delirantemente ovacionado, produzindo-se tão estrondosos aplausos que a força de policia que faz guarda á cadeia, chegou a formar no intuito de intervir, por desconhecer a razão do tropel produzido pela assistencia, que debandava na intenção de cumprir as instruções do ilustre orador:—ir jantar porque já éram horas e apertava a tripa!...

Um delirio com bandeira e tudo!!!

Excursão a Ilhavo

E' nos enviádo um programa pelo qual vêmos que um grupo de socios do afamado *Club dos Galitos* promove para domingo — *se Deus quizér*—uma *grandiosa e horrivel excursão* á séde do visinho concelho que tem sido berço dos mais autenticos *heroes do mar*, contando os promotores do *inofensivo* passeio que a êle concorram todos os seus amigos, parentes e pessoas das suas relações, *mesmo as ausentes em parte incérta*, para o que lhes serão facultádos os devidos meios de transporte — *automoveis puchados a pachorrentos e mansos bois* — que ao bater das 13 horas devem estar prontos e alinhados em frente ao *Club*.

A excursão será recebida no Corgo Comum, isto é, *entre as duas vias*, pelo ilhavense *Club dos Novos*, a cavalo, que lhe dará as bôas vindas, depois do que tudo marchará para o coração da vila onde os corações das lindas tricanas, que a povôam, estarão formados para recebêrem *em seu seio* os olhares ternos do sexo forte que néla toma parte.

A não ser que sobrevenha qualquer *panne* imprevista, os excursionistas contam estar de volta á cidade logo depois do anoitecer, constando-nos que a câmara autorisará os guardas das barreiras a deixarem passar a caravana mesmo sem guia de transito...

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JUNHO	
DIAS	PHARMACIAS
16	MOURA
23	LUZ
30	RIBEIRO

Gatunos

Ainda o desfalque na "Liga Monarquica D. Manuel II," do Rio de Janeiro

Teem sido curiosissimas as informações que, ácêrca dos roubos praticádos na célebre *Liga Monarquica D. Manuel II*, do Rio de Janeiro, onde os pacovios portuguêses iam deixar alguns cobres para auxilio da incursão couceirista, a *Gazêta de Noticias* insére, sendo uma das que maior sensação fez aquéla que vâmos reproduzir e que veio estampáda no jornal fluminense acompanhando a fotografia dum dos cartões mediante os quaes, o irmão do bispo de Beja e outros, recebiam dinheiro *para a compra duma espáda de honra destináda a Paiva Couceiro*.

Diz assim, a esse respeito, a *Gazêta de Noticias*:

«Laborámos num engano quando aqui dissémos que desses cartões foram encomendados apenas 10:000 a uma tipografia. A emissão foi muito maior. Foi além de 30:000. Para proval-o basta que o leitor verifique o numero do cartão que temos em nosso poder: 29:874. Esses cartões, que eram assinados apenas pelo tesoureiro da *Liga*, iam sendo numerados á proporção que iam saindo das mãos do mesmo tesoureiro para as mãos das vitimas. *Subscrição aberta entre os portuguêses residentes no Brazil*, era natural que o numero de cartões se elevasse tanto. Pelo valor de 10$000 réis cada um, alguns a 5$000 réis, a pessoa ficava com quantos cartões quizesse. Já noticiámos que um negociante da rua da Quitanda ficou com cartões no valor de 100$000 réis.

Agora, que os leitores se dêem a este pequeno raciocinio. Supunhâmos que só fossem distribuidos 29:874 cartões. Supunhâmos (para favorecer os tesoureiros) que esses cartões foram passados todos a 5$000 réis. Multiplicada uma parcela pela outra, temos arrecadados, só de cartões,

149:370$000

Para onde foi esse dinheiro? Para Portugal não é possivel, pois que a subscrição era para a *espada* e até hoje, que nos conste, nenhuma espada foi adquirida.

Admitâmos, porém, (admitamse todas as hipoteses otimistas) que fossem tirados daí os 27:000$000 réis que o sr. Freire remeteu. Mesmo assim, ainda faltam

122.370$000

Como se vê, o desfalque da *Liga* não foi sómente de 60:000$000 réis, como tivemcs a ingenuidade de supôr e noticiar. Foi muito maior. Atingiu a perto de **trezentos contos de reis.**

E' incrivel!

E' incrivel como se póde lançar em publico, com tão grande sucesso, uma tão deslavada maroteira.

Poderá pensar alguem que ha algum dinheiro nos cofres da *Liga*. O que os tesoureiros lá deixaram foi obra de um conto e pico, conforme recibo que exibiram nésta redacção.»

Não necessita de comentarios a retumbante prova de *honestidade* que os monarquicos do Rio de Janeiro acábam de dar. O que nos admira é como ainda possa haver ingenuos que os acreditem, caindo em constantes esparrélas sem o mais léve persentimento da exploração de que estão sendo vitimas.

E viva o rei Manuel!...

NOTAS DA CARTEIRA

Da sua viagem de nupcias regressou já a esta cidade com sua esposa, o nosso amigo Pompeu Alvarenga.

= *Completou 18 primavéras o 1.º grumete da armada, José Manuel Rodrigues, filho do nosso falecido correligionario, de Ilhavo, do mesmo nome.*

= *A' filhinha do nosso colége da* Liberdade, *Rui da Cunha e Costa, ha dias registáda civilmente, foi dado o nome de Maria José Osorio da Cunha e Costa, tendo assistido, como testemunhas, os srs. Lourelio Augusto Regala e Luiz Firmino Regala de Vilhena.*

=*Encontra-se em Pampilhosa da Serra, onde intrinamemte exerce as funções de administrador e oficial do Registo Civil, o nosso amigo Casimiro de Almeida Barreto.*

= *Têve ha pouco o seu bom sucésso a sr.ª D. Alda Fernandes Cardoso, esposa do nosso amigo dr. Eugenio de Oliveira Couceiro, medico na Mealhada.*

A creança, que é do sexo masculino, foi registada civilmente com o nome de José Cardoso de Mélo Couceiro, tendo servido de testemunhas a avó materna, sr. D. Ermelinda de Mélo Cardoso e o tio paterno, Carlos Couceiro.

Os nossos parabens.

=*Estiveram em Aveiro os srs. Joaquim Simões dos Reis e dr. Aurelio Marques Mano.*

Notificação

Recebêmos no meádo da semana ultima o seguinte curioso documento que reproduzimos sem alteração duma virgula:

Diz Antonio Duarte, solteiro, maior, negociante, de Alquerubim, comarca de Albergaria-Velha, que se julga vizado por umas referencias e frazes injuriosas publicadas nos tres primeiros paragrafos de uma correspondencia de Pinheiro, datada de 27, e insérta na 4.ª coluna da 3.ª pagina do n.º 223 do semanario *O Democrata* da cidade de Aveiro, e correspondente ao dia 31 de maio ultimo, e por isso, e para que **extre-rior** procedimento, prevendo que Arnaldo Ribeiro, na qualidade do referido periodico, **diga moteficado para que releve** terminantemente por escrito no praso de cinco dias, se essas referencias e frases injuriosas dizem ou não respeito ao suplicante e dê publicidade pela imprensa á mesma declaração.

P. a V. E.cia C. V. Juiz de Dt.º d'Aveiro se digne mandar notificar.

O suplicante

Antonio Duarte.

A êste arrasoado, que corre parelhas com o português dos artigos da lavra dos modernos *jornalistas* aveirenses, de que é mestre o *Bébes*, retorquimos assim:

Em resposta a uma notificação que me foi dirigida, assináda por Antonio Duarte, e tendo lido por diferentes vezes e procurado interpretar o duplicado dêsse documento, venho declarar por escrito, como me compéte, que não pude apreender qual o fim para que fui notificádo, tal a obscuridade das palavras e frases que o referido escrito contém.

Entretanto, se o requerente pretendeu saber de mim, como director de O Democrata, *se a correspondencia a que alude a êle se refére, devo dizer que, comparando-se a linguagem charadistica, enigmatica, do duplicado em questão, com a prosa, pouco corréta embora, mas compreensivel, da correspondencia de Alquerubim, publicáda no* Correio de Aveiro *n.º 117, 2.ª pagina, 4.ª coluna, facil é apurar-se que o notificante não sendo o cidadão A. D., que firma a mencionáda correspondencia, não foi visado ou atingido por aquéla outra.*

Aveiro, 7 de junho de 1912.

Arnaldo Ribeiro.

Em Espinho

Por virtude duma altercação havida no domingo ultimo nésta praia entre a policia de Aveiro e alguns populares, é bom que se saiba que néla não interveio de fórma alguma o conhecido banheiro Armando Lapa, que nem no local se encontráva nêsse momento.

Falta de espaço

Não nos é possivel inserir nêste numero todo o original chegádo á redacção, do que pedimos desculpa aos nossos obsequiosos correspondentes.

Irá para a semana, visto não perder a oportunidade.

Vèr adeante — **ULTIMA HORA**

MOVIMENTO MARITIMO

Barra de Aveiro

Entradas.—Dia 9: caique *Marquez de Pombal*, tonelagem 19, com peixe, do Porto. Mestre Manuel José Sarro; tripulantes, 9.

Saídas.—Dia 8: caíque *S. José*, tonelagem 18, com sal, para Cezimbra. Mestre Antonio do Nascimento; tripulantes, 7.

Chalupa *Atlantico*, tonelagem 18, com agua, para o Porto. Mestre Manuel Gonçalves Vilão; tripulantes, 5.

Hiate *Emilia Augusta*, tonelagem 87, vasio, para a Figueira. Mestre Tomé dos Santos; tripulantes, 6.

CORRESPONDENCIAS

Camaxilo, 20 de Abril

Os multiplos afazeres que tenho tido desde a minha saida do Quissol não me têm deixado tempo vago para transmitir noticias déstas paragens aos leitores do *Democrata*, falta que espero me relévem.

A minha saida do Quissol para Camaxilo um pouco inesperada e ainda a prolongada viagem de tipoia de lá aqui, concorreram tambem para que o lapso de tempo fôsse maior.

Tambem daqui lhes escreverei poucas vezes, pois conto regressar ao Quissol brevemente para acompanhar, a Mona Quilombe, uma expedição comercial que ali vai abrir casas para a exploração de borracha por meio de permuta com o gentio. A Empreza Comercial é devida á iniciativa de onze casas comerciaes das mais importantes do Quissol, que se constituiram em sociedade igualitaria para o fim já exposto.

E' uma das emprezas mais arrojadas que o comercio da Lunda tem levado a cabo; oxalá tambem que os resultados a obter sejam bastante vantajosos para que ninguem se arrependa do passo que vai dar-se.

= A Delegação da Associação Comercial da Lunda, em Camaxilo, recebeu ontem um telegrama da séde avisando-a de que tinha sido decretada a concentração comercial, acabando com tal medida o comercio da *maltrapilha* nome porque se designava todo o comercio disperso pelos sertões sem formar povoação. Ha muito tempo que o comercio désta região tinha reclamado dos podêres constituidos a concentração obrigatoria sem que até hoje ouvésse sido atendido. Foi, pois, com regosijo geral que se têve conhecimento do facto.

= Um dos serviços pessimamente feitos nésta região é o dos correios. Se não veja-se: o correio que sai do Quissol ás quintas-feiras deve ser distribuido em Camaxilo ás sextas da semana seguinte; pois ultimamente só aos sabados tem aqui chegado, do que resulta a gente não poder responder ás cartas que recebe, visto que as malas fecham ás 10 horas dêsse mesmo dia. Isto é vergonhoso e deploravel, razão porque esperâmos providencias do sr. director dos correios de Loanda.

= Tem sido cometidos varios abusos pelo gentio do concelho do Cuilo sem que a autoridade tome inergicas providencias. Porque será?—Mêdo ou incompetencia? Talvez as duas coisas. Mas, perguntâmos agora nós?—Póde o comercio estar sujeito a uma autoridade fraca?—Não póde, nem deve, por isso que lá diz o ditádo: *Um fraco rei faz fraca a forte gente*...

= Consta-nos que está em viagem com destino ao Cuilo um digno capitão que saberá manter o prestigio da autoridade, fazendo justiça a quem a tivér.

Folgâmos com isso.

= Na minha viagem para Camaxilo fui convidado pelo nosso amigo e assinante sr. Eugenio Paciencia, comerciante no N'Damba, para um jantar de anos, ao qual assistiram varios seus amigos e do *Democrata* correndo animadissimo todo o *ménu*, delicadamente servido á sombra deliciosa de uma verdejante e encantadora palmeira. Levantaram brindes os srs. Francisco Duarte Serafim, Abel Paciencia, irmão do natalaciado, José Salavisa, a sr.ª D. Maria Pereira, Justino de Moura Coutinho, Fernando Guerreiro, Luiz Coutinho, Antonio Onorato de Mélo e o representante dêste jornal.

Acacio Simões.

Oliveira do Bairro, 10

Festas democraticas

Festejou-se ontem a inauguração da nova séde do *Centro Republicano* e do novo mercado da vila que é, sem duvida, uma das melhores obras levadas a efeito pela patriotica Comisssão Municipal Administrativa, á frente da qual se encontra o nosso valioso correligionario e amigo, Santos Ferreira, que se não tem poupado a esforços para que o concelho sáia do marasmo em que permaneceu durante a estada no poder dos seus antigos dirigentes monarquicos.

Nas salas do *Centro* foi descerrado o retrato do venerando presidente da Republica, sr. dr. Manuel de Arriaga, e tambem os do dr. Afonso Costa, por quem os nossos correligionarios, que nêle estão inscritos como socios, teem a maior admiração e dr. Bernardino Machado, figura aqui igualmente muito considerada. Por essa ocasião alguns discursos fôram proferidos estando nós por cértos que nunca o povo dêste laborioso concelho ouviu frases de tão bom ensinamento e tão verdadeiras como as que ecoáram ontem no limitádo espaço da sala do *Centro Republicano de Oliveira do Bairro* onde a sessão têve logar.

Os oradores, todos muito conhecidos no nosso acanhado meio, os srs. dr. Costa Ferreira, Antonio da Silva, industrial no Pôço do Bispo, que aqui se encontrava de passagem, José Raposo, de Fermentélos e os professores Gomes de Amorim, Carvalho, da Povoa do Forno e Adelino de Macedo, da Palhaça, remediaram bem a falta de outros que nos tinham prometido honrar-nos com a sua presença, pois nos deixaram satisfeitissimos tanto pelas suas categóricas afirmações de fé republicana como pelo brilho e energia que imprimiram aos seus bem arquitetádos discursos, que a numerosa assembleia, por vezes, aplaudia com frenesi, possuida como estava, dum extraordinario entusiasmo.

Sem receio de desmentido podêmos dizer que a festa republicana de domingo foi bem a mais produtiva que aqui se tem realisado visto não haver ninguem que déla deixe de conservar as melhores recordações.

No fim houve um lauto banquête de confraternisação trocando-se entre os convivas afectuosos brindes.

C.

Alquerubim, 11

No proximo domingo tem logar a festa ao Santo Antonio na pitoresca mata de Serem E' uma festa concorridissima, e, a maior parte da gente que ali vae, leva leitões assados para a merenda, que, ordinariamente, é comida á sombra de frondosas carvalheiras.

= Está hoje um dia de rigoroso inverno: muito vento e chuva muito fria. Este tempo está causando grande prejuizo nos milhos do campo, aos quaes a bicha amarela está fazendo grandes estragos, tendo já muitos lavradores semeado as suas terras segunda e terceira vez.

=Realizou-se ontem o mercado mensal da Fontinha, que foi pouco concorrido.

= Na freguezia de Segadães, foi colocado um relogio na torre da egreja.

=Os vinhos continuam por baixo preço, mas se o tempo se prolongar chuvoso e frio, como vae, é provavel que seja prejudicada a proxima colheita. Mas, se o tempo melhorar e correr favoravel, a colheita será abundantissima. Os *ex.mos bebados* que se alegrem.

C.

Cacia, 11

Consta-nos que vão, em bréve começar os trabalhos para a co, locação dos candieiros de iluminação nas ruas désta freguezia dando assim o sr. José Maria Tavares cumprimento á vontade dos que para tal fim subscreveram, se bem que esteja convencido de nenhum auxilio que a câmara e a junta de paroquia venham a dispensar á conservação dos mesmos por falta de meios para poderem custear este util melhoramento.

Se assim é sômos dos que achám mais rasoavel que por emquanto se consérve a render o dinheiro adquirido para a compra dos candieiros e só quando houvér probabilidades de se manter a iluminação êles sejam colocádos evitando assim que se estrague o que tantos sacrificios custou.

= Desde ontem que estâmos debaixo de constantes aguaceiros fazendo lembrar os dias de rigoroso inverno.

O vento tambem tem soprado com bastante violencia pelo que se calcula haver bastantes prejuizos nos pomares.

= Deve estar prestes a chegar á cidade de S. Paulo (Brazil) o nosso amigo e conterraneo, Caetano Valente, que daqui partiu a 26 do mez passado.

Que tenha feito uma feliz viagem é o que sincéramente estimâmos.

= Projétam-se para sabado e domingo, se o tempo permitir, ruidosos festejos ao *milagroso* Santo Antonio, estando contratádas as musicas *Anjegense* e *União Salreu-Estarreja* para os vir abrilhantar.

= Procedentes do Pará, encontram-se entre nós os nossos estimaveis amigos Manoel Rodrigues Teixeira Novo e Antonio Gonçalves Tavares, este ultimo acompanhádo de sua esposa e interessantes filhinhos.

Cordealmente os abraçâmos.

= Deu-nos o prazer da sua visita, embora pouco demorada, o sr. dr. Marques da Costa, deputado da nação.

C.

Sobrado de Paiva, 4

Alea jacta est..., disseram antes; *venimus victimus vencimus*, repetiram depois. Quem?

Os reaccionarios de Real ou antes os reaes reaccionarios, a respeito das ultimas eleições dos representantes do povo para a revisão das matrizes. Mas se os reaes reaccionarios arriscáram o vôo e venceram foi porque usaram de traição maquiavelica que teem por costume. Foi porque para eles todos os meios são bons desde que se alcancem os fins.

E' a sua divisa.

. . . .

Que o vereador Raimundo Rodriques Rebêlo, e o abade da sua freguezia patrocinassem o chefe da reacção realenga, não nos admira. E' apenas uma coerencia de inimigos da Republica. O que, porém, devéras nos espanta é que o cidadão sub-delegado de saude, nunca republicano, mas sempre leal e correcto, se tivesse irmanado com taes parceiros. Isso sim, revolta-nos, a não ser que seja tudo mentira o que por aí corre.

Mas esperemos que s. ex.ª prove o contrario do que, com todas as reservas, afirmâmos, tornando-nos éco da opinião publica.

Ao dobrar de cada esquina, cértos politicos fazem os seus calculos para decifrarem o *X* das suas arrelias, chegando já á conclusão de que é o *misterio envolto na capa da justiça para lhes prégar a verdade.*

Falta-lhes, porém, a chave do enigma. Sem que ninguem nol-a fornecesse, damos-lhe, comtudo, a decifração:

Eramos um velho monarquico que inocentemente atraiçoámos os republicanos, maldizendo-os e roubando-lhe-votos.

Hoje, arrependidos e enojados, queremos penitenciar-nos, servindo a Republica o melhor que podêmos. Vivemos incognito, porque ainda não alcançámos merecimentos para nos evidenciarmos e porque partimos do principio de que quem vem da monarquia se deve alistar entre os soldados mais modestos da Republica...

= Os larapios das capoeiras não deixam de vez emquando de vir fazer a sua visita até cá. Coube a vez agora ao sr. Bonifacio Alves Moreira, a quem roubaram nada menos de 20 galinhas e frangos, que, vâmos andando, já é uma colheita rasoavel. Como estâmos no tempo das ervilhas...

Tambem á sr.ª D. Ana Ferreira da Cunha, lhe furtaram do seu quintal roupas de cama no valor 10$000 reis sem que até hoje se tenha descobérto o autor da proeza.

= A esta vila chegou, ha dias, o filho do nosso amigo Joaquim da Rocha e Silva, sr. José da Rocha e Silva, negociante na cidade do Rio de Janeiro. O sr. Silva, que é um verdadeiro amigo da Republica Portuguêsa, um democrata sincéro, conta passar todo o verão entre nós e em companhia de sua familia de quem estava ausente ha uns poucos de anos.

Damos-lhe as bôas vindas.

C.

Pinheiro, 12

Como complemento ao que sobre a identidade do correspondente de Alquerubim para o *Correio de Aveiro* dissémos na nossa carta inserta no passado numero do *Democrata*, aquêle jornal declara, confirmando o que aqui já dissémos, que: o sr. Antonio Duarte não é o autor das infamias, que, sem o mais leve pretexto da nossa parte, o referido *Correio de Aveiro* em correspondencias, tem publicado tentando atingir-nos.

O que porém é muito curioso, e que apenas vem aumentar o numero de curiosidades que semanalmente nos oferece o sr. José Maria Barbosa, é que este cavalheiro, pondo as colunas do seu jornal á disposição do sr. Antonio Duarte lhe diz porém, como condição, que o poderá fazer *sempre que não trate de questões pessoaes, onde não quer envolvido o seu jornal*, publíca no mesmo numero uma outra carta de Alquerubim na qual o seu miseravel autor, mais uma vez se esforça para nos atin-

gir na nossa vida intima, que é tão clara e tão limpida como a luz do dia!

Aqui, com o concurso de meia duzia de dedicádos amigos, inaugurando o retrato do chefe da nação na escola oficial deste logar, escola que representa a consequencia duma dedicação dos que, todos os esforços fizeram para éla ser hoje um tão grande beneficio real; trazendo uma duzia de nossos bons correligionarios de Aveiro, companheiros saudosos dos tempos felizes da escola e do liceu, e que acedêram ao nosso convite, aqui se realisou a nossa festa humilde é certo, mas muito rica em dedicação e fé, sem que ninguem molestassemos ou ofendessemos.

E sem mais do que isto, só por esta grande culpa, principiamos de ser alvejados por esse miseravel, que num crescendo insultuoso de frase repelente, se tem esforçado por atingir-nos partindo porém sempre os dentes na verdade resplandecente de todos os actos da nossa vida. Ela é tão escura ou tão clara, felizmente, que nada déla precisamos esconder, porque receie a censura de quem quer que seja.

O sr. José Maria Barbosa, que oferece as colunas do seu jornal a todos que *não tratem de questões pessoaes, onde não quer envolvido o seu jornal*, permite no entanto a inserção déssa caterva de baixissimas infamias, proprias de quem quer que as dite.

Na lama, só quando a calcâmos é que estamos em seu contacto.

Fóra disso, para aqui viemos estabelecer a nossa esféra de trabalho, honrado, limpo e honesto, do produto do qual temos, não menos honradamente vivido, de cara levantada, até agora. Não somos como muitos que se escondem na curva da estrada, para ver se atingem, ferindo, quem, com eles, se não confunde, nem em vida nem em processos de taberna, de covardia e de malandragem!

Nunca fugimos a qualquer responsabilidade consequente do mais simples acto nosso, seja em que campo fôr, e bem certo estamos que ninguem com verdade achará na nossa vida o mais insignificante acto digno de censura.

Temos a consciencia disso, emquanto outros ha que vivem fornecendo á policia e ao publico as scenas mais degradantes e denunciadoras de quanto póde a baixeza dos que nem os filhinhos doentes poupam, sacrificando-os ás vinganças e desforras exigidas pelas visinhas amantes adulteras e...báquicas!!!

E o que dizemos, de mais será para uma...sombra!

Apareça como nós, se tem coragem para isso. E até lá, ponto final na questão.

= Procedendo-se domingo ultimo á eleição da nova meza, que durante o ano economico de 912 a 913 deve superintender na irmandade de S. Miguel, o escrutinio indicou os seguintes cidadãos—José Marques Junior, Manuel Tavares de Mélo, Joaquim Ribeiro de Matos, Manuel Branco de Oliveira, José da Silva, Antonio de Bastos, Domingos Lopes do Paço, Manuel Martins Catão, Turibio Martins de Almeida—sendo os tres primeiros nomeados respectivamente director, tesoureiro e secretário.

= E' anciosamente esperado o programa das festas com que este ano os devotos de S. Tomé o distinguirão, pois ha muitos anos que tem estado no mais apagado esquecimento o pobre santinho, uma das mais autenticas glorias milagreiras déstas redondezas...

= Deu á luz um menino a sr.ª Aurora Amelia Miranda, que se encontra felizmente bem assim como o recemnascido.

Os nossos parabens.

= Como consequencia do comprovado exito obtido pelos nossos lavradores no emprego dos adubos quimicos na lavoura, o nosso amigo Matos, no louvavel intento de ser prestavel aos seus concidadãos, acaba de encomendar e receber uma avultada remessa daquéla mercadoria que por cérto terá muita procura.

= Na mais bela quadra da vida, quando toda éla se resume nas doces ilusões das 19 primaveras, a morte roubou do convivio dos seus a menina Ermelinda Mélo, do Salgueiral, que a tuberculose aniquilou, prostrando mais uma vitima.

O gráu de afeto e de sentimento produzido por tão triste facto, vimol-o nas lagrimas sentidas, que todos os olhos verteram na ultima homenagem prestada, á desditosa morta, acompanhando-a á sua derradeira morada.

Déla, da saudosa Ermelinda, ficará como inebriante aroma de fina essencia, a lembrança pungente da sua imagem, que por largo tempo se manterá viva no coração de quantos a conheceram e a amaram.

A todos os seus, especialmente a sua desolada mãe, a sr.ª Ana Rodrigues de Mélo, o nosso mais profundo pezar.

C.

Ultima hora

A situação politica — Nada de novo

Lisboa, 13 ás 21, 5 h.

Ainda não está constituido o novo ministério apezar das deligencias empregadas pelo chefe da nação, que não tem tido um momento de descanço desde que o govêrno do sr. Augusto de Vasconcélos se declarou demissionário.

Na reunião em casa do sr. presidente da Republica em que comparecéram os srs. Afonso Costa, Antonio José de Almeida e Brito Camacho ficou efectivamente deliberádo que todos os grupos se déssem apoio mutuo para um ministério de concentração, mas ao que paréce as rivalidades voltaram a sugerir com a distribuição das pastas, encontrando-se por isso tudo na mesma, como dantes.

Corre com insistencia ter sido chamádo á pressa, do Porto, o sr. dr. Duarte Leite, ao mesmo tempo que seguiram para aquéla cidade alguns deputados afim de com êle conferenciarem sobre a necessidade da rapida solução da crise, visto considerar-se indispensavel a sua entrada no futuro ministério.

Se contra toda a espectativa o ilustre professor recusar, o mais cérto é ser convidado a formar gabinête o sr. dr. Afonso Costa que terá o apoio dos independentes e unionistas.

Na capital, como, de resto, em todo o país, está produzindo pessima impressão tudo quanto se tem dado ácêrca da crise, censurando-se asperamente a atitude do chefe do grupo evolucionista pelos sucessivos entráves que desde o principio tem pôsto á sua solução.

= Sobre a gréve dos electricos tambem nada ha digno de mensão a não ser uns ligeiros conflitos que hoje se déram por virtude da estáda na fabrica de cinco engenheiros inglezos. A cavalaria dispersou os manifestantes.

Não se sabe, nem é facil advinhar-se, quando em Lisboa voltarão a circular os carros, cuja paralisação tem causado enormes prejuizos, principalmente ao comercio.

C.

EDITAL

Antonio Maria Beja da Silva, Administrador do Concelho de Aveiro, etc:

Faço saber que no dia 24 do corrente, pelas 12 horas, só procederá á arrematação, por meio de proposta, do fornecimento do sustento dos presos indigentes das cadeias civis désta cidade, durante o ano economico de 1912 a 1913, sendo a base maxima da licitação de 150 reis por dia para cada preso. As propostas serão feitas em carta fechada, dirigida ao Administrador do Concelho, sem outra designação exterior, até ás 15 horas de 23 do corrente, sendo inutilisada qualquer proposta que não esteja néstas condições. O fornecimento será adjudicádo a quem o fizer por preço inferior ao da base da licitação. As condições e clausulas encontram-se patentes nésta secretaría.

Para constar se passou este e outros de egual teor que vão ser afixados nos logares públicos do costume.

Administração do Concelho de Aveiro, 4 de junho de 1912.

Antonio Maria Beja da Silva

ANUNCIOS

Bom emprego de capital

Por ter de retirar-se de Alquerubim o seu proprietario, vende-se um lindo predio de casas assobradadas, com mobilia, jardim na frente e gradeamento de ferro, sito nos Gramoais, entre Paus e Beduido, com um grande quintal, rodeado de vinhas e arvores.

A casa, que tem seis quartos, sala de jantar e de vizitas, escritorio, casa de banho, dispensa, cosinha etc, etc, tem agua em todas as despendencias e é iluminada a acetilene.

As condições do prédio são magnificas, tendo comodidades para lavrador.

Vendem-se, além deste predio, algumas terras no campo e pinhaes no monte.

Se o pretendente não poder dispôr de toda a importancia porque lhe sejam vendidas estas propriedades, o vendedôr aceitará hipotéca para garantia do seu capital.

A tratar em Alquerubim com o seu proprietario, o sr. José de Oliveira Matoso.

EDITAL

Luis de Brito Guimarães, Presidente da Comissão Municipal Administrativa do Concelho de Aveiro:

Faço saber que, pelo Govêrno da Republica, foi contratado o cidadão Caetano José de Souza para dirigir os serviços da missão ocnotecnica do Centro que abrange as regiões vinicolas de entre Douro e Tejo, a qual tem por fim o ensino e divulgação das modernas praticas oenologicas, especialmente aplicadas ao fabrico, conservação e tratamento dos vinhos.

Mais faço saber que todas as consultas relativas a estes assuntos são gratuitas, devendo ser acompanhadas duma amostra de vinho não inferior a sete decilitros e que havendo necessidade do acima indicádo cidadão para o eficaz tratamento de qualquer vinho ter de ir ao armazem ou adéga onde éle se encontra, o seu dono apenas terá de pagar-lhe o transporte em caminho de ferro desde a séde da missão que é em Vizeu—*Avenida Alberto Sampaio*—até á estação mais proxima da sua adéga ou armazem.

E para constar se passou este e outros de egual teor, que vão ser afixados nos logares mais públicos e do costume.

Aveiro e Secretaría Municipal, 30 de Maio de 1912.

O Presidente da Comissão Municipal
Luiz de Brito Guimarães